

*Milton Dias*

Entro para a vossa nobre companhia, Senhores Acadêmicos, com a impressão de que encontro aqui a mesma pureza de sentimentos, a mesma alegria, a mesma indulgência, as mesmas animadoras palavras, o mesmo simpático saudar, que aguardam um pecador no Paraíso, que, segundo rezam as Escrituras, recebe um deles com mais festas do que quando chegam cem justos.

Será certamente pela mesma razão, creio, que me reservais esta acolhida iluminada e generosa: é que ingressa em vosso reino um pecador da literatura, cultor pequeno de gênero menor, a que muitos, até agora, ainda recusam lugar entre os gêneros literários.

Na verdade, não sou mais do que um cronista que surpreende o cotidiano e o traz para a folha do jornal, de duração tão rápida. Não sou mais do que um sertanejo carregado de lembranças, que amealhou as estórias que ouviu por onde passou e as divide uma vez por semana com o respeitável público: memórias de noites indormidas, luz de sete-estrela, pancada de mar, caminhos e madrugadas, casos apreendidos nas conversas entre vaqueiros e velhas cunhãs, nos alpendres de antiga fazenda colonial, onde meu avô ainda pontifica. Sou enfim simplesmente um cronista, ou, se quiserdes, um contador das estórias e vivências que aprendeu por aí — cidade grande, cidade pequena, aldeia, ponte, rio, viaduto, pedaço de mar, o coração do mundo multiplicado.

E quando caminhava sozinho, à altura do famoso meridiano bíblico, entre os percalços da minha ilha, trabalhado

por aquela mesma impressão de Montaigne, que a esta altura, ao meio-dia da vida, já não se sentia mais do que uma metade, vós me tomastes a mão e me trouxestes ao vosso douto convívio.

É por isto maior o meu agradecimento, que já de entrada manifesto, pelo vosso sufrágio, pela gentileza da vossa recepção, pela honra que me conferis, admitindo-me entre os vossos, pelas palavras encorajadoras com que Moreira Campos me recebe, coloridas pela sua grandeza de escritor, que a crítica nacional já consagrou entre os nossos melhores contistas, mas deformada, naturalmente, pela fraterna estima que me une, faz tanto tempo, ao vosso ilustre representante.

Obrigado por tudo. Obrigado também porque me destes como patrono Antônio Bezerra, que se outros méritos não tivesse, como escritor, historiador, pesquisador, jornalista, orador e poeta, bastaria para credenciá-lo à nossa admiração o amor grande à terra que lhe serviu de berço: amor de amante nunca satisfeito, incansavelmente apaixonado, amor que manifestou sempre e confessou freqüentemente, amor que era como uma constante da sua alma fiel e dedicada e que o levou a demoradas, profundas, zelosas pesquisas sobre tudo do Ceará — homem, paisagem, geografia, costumes — até o folclore o seduziu — não deixou inexplorado nenhum aspecto, nem a flora, nem a fauna, nem a mineralogia.

Antônio Bezerra foi, realmente, dos primeiros, entre nós, que, no tempo, orientaram seus trabalhos no sentido científico. Fez estudo de História na acepção mais atual da palavra, não ficando apenas a coligir dados, episódios e datas, não se limitando à simples enumeração de acontecimentos, nem demorando só nos estreitos limites da narrativa pura e simples, segundo os moldes clássicos, em que a cronologia e a narração bastavam: fez interpretação histórica, invocou motivos de ordem econômica e política para explicar fatos, empreendeu o estudo de causas e concausas e conseqüências imediatas e remotas, num legítimo trabalho de História analisada, interpretada, de História crítica. Foi assim que trabalhou desde o seu livro *Algumas Origens do Ceará*.

Conheceu tão bem a sua, a nossa terra, que, se desejardes fazer um delicioso retorno aos dias de 1884, tomai as *Notas de Viagem*: e eu vos asseguro uma *tourné*e que será ao mesmo tempo geográfica, cultural, afetiva, surpreendendo a Província com seus campos, suas vilas, suas cidades, sua gente, nos tranqüilos, invejáveis, doces dias daquele repoussante fim de século.

Mas é Antônio Bezerra cronista que principalmente me impressiona e que sobretudo desejo exaltar aqui, de passagem — o articulista de *A Pátria* de Manaus que, reunindo trabalhos produzidos por designação da colônia conterrânea, deu-nos este esplêndido livro — *O Ceará e os Cearenses* — livro que precisa ser mais conhecido pela geração de agora, mais lido, reeditado, amplamente divulgado, em que o autor não se revela certamente um estilista, mas a que não falta uma agradável naturalidade que faz que, freqüentemente, assumo o tom coloquial e empreste ao escritor um interesse que não esmorece.

Seria de supor que um tão profundo conhecedor da sua terra e do seu povo tivesse uma cultura limitada ao circuito nordestino — ou mais amplamente, se quizerdes, ao âmbito do Norte — e ele nos surpreende, com a sua universalidade, com seus conhecimentos de História do mundo, suas observações feitas com o maior acerto, com o mais seguro sentido de análise e grande capacidade interpretativa, jogando com **dados de estudo** do caráter de povos tão desiguais, como se tivesse a garantir-lhe o respaldo duma longa convivência.

Não fora o amor ao vosso tempo, o respeito pela vossa paciência, muito vos teria que dizer sobre esta figura de quixerambinense inquieto, que viveu seus oitenta anos servindo e amando e louvando a sua terra.

Se me pedissem o nome de um grande cearense bem representativo do seu povo, claro que eu responderia imediatamente, sem um minuto de hesitação, apontando Antônio Bezerra. Que cearense ele o foi em tudo, e cigano o foi em muita coisa (ele que defendia a tese de que entrou sangue cigano na nossa formação étnica), cigano no sentido mais desambi-

cioso do termo, mas bem que o foi, no gosto andarilho, no prazer com que explorava caminhos, na vivacidade. E cearense o foi em muitos outros aspectos, especialmente no desejo de aprender cada vez mais, na receptividade incansável aos conhecimentos novos, na coragem, na inteligência, na decisão com que participou ousadamente de campanhas como a republicana e a da abolição da escravatura. E o fez sempre de peito aberto, afirmando sem temor as suas convicções, na tribuna, no papel do jornal ou em pronunciamentos particulares, e escudava suas idéias na lógica, numa dialética difícil de vencer. Cearense paradigma, cearense em tudo, nisto de sair da sua terra, viver longe, ter saudade, voltar, sair de novo, mandar-se pra São Paulo, depois pro Amazonas, e cantar amorentadamente o seu chão e seu povo e trabalhar por eles, sem pedir nada em troca, sem pleitear vantagens, numa forma de apostolado leigo, cívico, pessoal. Cearense religioso, impulsivo, altruísta, espontâneo, sincero, amante da discussão, da verdade, do trabalho, cearense portador da cultura larga, vasta e profunda e polimorfa, que aplicou muito bem a serviço do seu povo e da sua província.

E de tal modo me empolga a figura de Antônio Bezerra, que a mim mesmo prometo, e a vós outros ameaço, com um trabalho mais amplo que fico a dever ao meu ilustre Patrono.

É que agora devo falar-vos daquele que venho suceder, sem substituir, na Academia Cearense de Letras. Devo falar-vos de Antônio Filgueiras Lima, que escreveu, disse e repetiu, que a poesia é um destino. E recebeu este destino de alma aberta e coração cantante, consciente da imensa responsabilidade que contraía, certo dos compromissos que levantava, cômico da gravidade da missão alta e exigente que lhe era imposta, iluminado pela revelação fantástica. E cumpriu seu destino como quem reza, como quem canta, como quem chora, como quem planta, como quem colhe, como quem sonha, como quem ama, porque o exercício da poesia é principalmente um ato de verdade e de amor.

E aceitou a divina dádiva com todo seu ônus, imenso e dignificante, com todas as implicações de sofrimento e de glória, de grandeza e de tortura, de luz e de penumbra que ela representa — e a cultivou com o mesmo zelo com que o jardineiro labora a terra, deitando-lhe no ventre as sementes que terão como resposta tulipas e dalias, papoulas sangrentas e girassóis dourados. Aceitou a eleição (porque os poetas são eleitos de Deus Nosso Senhor) e assumiu a poesia, com o mesmo carinho com que o camponês amanha o campo, no trabalho bíblico de fecundar o chão, a mesma alegria com que o ceifeiro sega e recolta a sua messe, o mesmo sentido de doação com que o artista verdadeiro se entrega à sua arte.

É que Filgueiras Lima, visitado pela poesia, penetrou, desvendou o mistério poético, foi possuído da graça, escolhido para as grandezas da criação, para o ofício que tanto tem de humano como tem de Deus, e acolheu o excelso mister com a mesma solene intenção, com o mesmo respeito, com a mesma devoção, com a mesma fé, com que o sacerdote recebe a unção para o sagrado ministério.

Deu-lhe Deus uma vasta provisão de lirismo, deu-lhe um rio na infância para cantar na juventude, deu-lhe a sombra cheirosa do mofumbo, versão nordestino-brasileira do mirto, deu-lhe as rosas do caminho, deu-lhe as festas do reconhecimento, deu-lhe os espinhos da purificação, deu-lhe uma alma romântica, deu-lhe musa, deu-lhe a mulher muito amada, deu-lhe filhos, deu-lhe inspiração, deu-lhe sentimento, deu-lhe fé. E nenhuma dessas dádivas foi desperdiçada, nenhuma esquecida, nenhuma murchou, nenhuma morreu, floresceram todas entre as suas mãos, foram todas respeitadas, valorizadas, enriquecidas, vitalizadas pela sua paixão, pelo seu verso.

E fez do verso seu instrumento de comunicação, de alegria e de dor. E o verso se fez poema, hino, soneto, exaltação e lamento, fez-se luz, música e flor.

E a música se fez cantata, oração de matinas, saudação e salmo, fez-se balada, fez-se "scherzo", rondó e madrigal, cantar amoroso, cantar de pai, de filho, cantar de amigo, fez-se adeus, fez-se louvor.

Simbad de mares desconhecidos que a sua imaginação andeja criou, agitou, coloriu, povoou, navegou; marinheiro de estranhos oceanos, guardando, certamente, no olhar, como aquele outro, de Carlos Paurilo, as famosas ilhas anônimas que as geografias nunca registraram, Filgueiras Lima fez do mar uma fonte de versos, porque muito o amou, como de resto amou muito a natureza. E no mar molhou sua pena, seus olhos; no mar mergulhou seu pensamento e se inspirou; para o mar fez-se menestrel, no mar buscou viagens impossíveis — e teria embarcado, à boa moda de Rimbaud, em navios improváveis; o mar o atraiu com a força que usa para arrastar e atrair velhos e jovens marinheiros. E no mar, sepultura azul de tantas esperanças e de desejos moribundos, raptor e guardião de tantas flores humanas, cemitério líquido que guarda a forma de mulheres belas em desespero de amor, de homens suicidas que desapareceram para o infinito em mornas tardes de sol poente; no mar que abafa o choro de crianças sacrificadas na sua inocência, que esconde as lágrimas de viagens loucas como Ismália; no mar do Ceará, no verde mar daqui, que era o seu, onde em cada fim de dia o sol se afoga numa lenta agonia amarela, manchada com o sangue dos que se perderam nas suas profundezas, no mar, com seus dramas, suas tragédias, suas epopéias, com seus homens, sua população de pescadores, seu campo de barcos, suas cidades submersas, no mar muito pensou o poeta.

Muito pensou o poeta no mar do Ceará, obstinado, indômito, grande e forte como o homem que o enfrenta, e aprende malícias e truques com que o domina, e aprende a conviver com seus perigos e tira das suas profundezas, contraditoriamente traiçoeiras e generosas, o peixe de cada dia.

Muito escreveu o poeta sobre o homem do mar, mais particularmente sobre o jangadeiro, herói de aventura que se repete em cada novo cotidiano, herói que tem no oceano sua glória, seu trabalho, sua paixão, sua sobrevivência, freqüentemente seu túmulo.

Caminheiro incansável que conheceu a permanente intimidade do chão diverso a que o conduziu a poesia, apascen-

tador de nuvens (é ele mesmo quem se confessa “tangerino de rebanhos brancos como a lua”), colecionador de sonhos, guardador de crepúsculos, pastor de estrelas, foi nestas, pelo vazo do seu constante deslumbramento diante do céu, foi nelas que descobriu bem cedo o seu fado de poeta, ainda nos tempos de menino, na cidade de Lavras da Mangabeira, lá onde nasceu, nos idos de 1909.

Nas estrelas, que ele amou e cantou a vida inteira, um dia descobriu escrito o seu futuro e revelou seu alumbramento, num conhecido, simples, comovente poemeto que abre *Festa de Ritmos*, seu livro primeiro.

Sobre este primeiro livro, publicado em 1932 — invoco aqui o depoimento dum ilustre membro desta Casa, o romanista João Clímaco Bezerra, seu conterrâneo e autor dos traços biográficos de Filgueiras Lima, no livro *Poesias*, recentemente editado pela Imprensa Universitária do Ceará. Este primeiro livro, diz João Clímaco, constituiu um verdadeiro acontecimento na vida literária de Fortaleza, projetando, em todo o País, o seu nome de poeta. Obteve, então, “Menção Honrosa” de Poesia, da Academia Brasileira de Letras, em cujo parecer a Comissão destaca: “Sonetos de real inspiração e correta forma, e muitas outras bonitas produções que revelam um poeta ainda capaz de progredir bastante e de brilhar nos meios literários. Antônio Sales, Antenor Nascentes, Demócrito Rocha, saudaram o poeta com os mais largos e francos elogios.”

Era, portanto, o início duma carreira literária que ele soube conservar num ritmo ascendente, numa marcha ascensional e vitoriosa até o fim. E o tema da infância, abordado com tanta felicidade no pórtico daquele livro, voltaria aos seus versos, numa doce, amorável perseguição recíproca, porque Filgueiras se entrega repetidamente às evocações dos tempos de criança, assim como quem busca a pureza primitiva, como quem tenta, novamente, o irrecuperável, como quem procura inútil mas persistentemente, reconstituir a estranha teia do tempo, a tessitura imponderável nunca devolvida. Ainda no seu livro mais recente o poeta solta a sua saudade da infância,

naquelas “Cantigas” que têm notas de acalanto e melodia de “berceuse”.

Das suas origens, dos seus ancestrais, o poeta fala com muita ênfase e indisfarçado orgulho, sobretudo quando se refere àquele “trisavô destemeroso e rude”, José Pereira Filgueiras, o famoso capitão-mor.

O poeta fez a louvação do antepassado, que ele chama “guerreiro selvagem, Napoleão das matas, Aníbal das caatingas”, num poema de linguagem sólida, concisa, que tem uma desabrida força épica, como um grito que lhe sai do peito quente, e que se prolonga num ritmo marcial, que é quase um hino, contando uma lição de História do Ceará e do Brasil.

Quando o poeta fala de si mesmo e da sua arte, conclui-se que, no íntimo, se entregou à poesia como um monge ao seu mosteiro, sem fechar os olhos, entretanto, às belezas da vida que o fascinaram sempre inelutavelmente, que ele desfrutou e festejou com o seu canto mais verdadeiro. É ele próprio quem proclama, na Fuga nº 5:

*Eu e a poesia somos mais do que irmãos gêmeos  
Mais do que xifópagos  
Somos a mesma forma  
o mesmo osso  
a mesma essência,  
o mesmo sangue,  
o mesmo hálito.*

*Eu sou a poesia.*

Será oportuno citar aqui aquele soneto em que o poeta se define, diz das suas preferências, — e vai buscar sua filiação artística nas longínquas raízes helênicas:

*Gosto das cousas límpidas e raras,  
que enchem de encantamento os meus sentidos.  
Raça! não me entorpecem tuas taras:  
sou um grego dos tempos esquecidos. . .*



*Cercado embora de ferrenhas caras,  
de almas e corações empedernidos,  
adoro os céus azuis e as águas claras,  
cujos sons adormecem meus ouvidos.*

*Cultivo idéias e apascento estrelas  
Jardineiro e pastor — em sonhos e ânsias,  
procuro, no meu cérebro, acendê-las.*

*Podeis rugir, ó bárbaros! Dispersos,  
no meu jardim de excelsas rutilâncias,  
eternamente cantarão meus versos!*

Apesar do seu romantismo, do seu lirismo, Filgueiras Lima foi um homem do seu tempo.

Numa forma de integração total dentro do século, viveu plenamente a sua época, sentiu a vida no seu contexto essencial, nas suas grandezas e dores, nas suas glórias, nas suas quedas, seus triunfos, seus fracassos, lealmente engajado no século. No "Canto do Homem Triste" faz uma sorte de pronunciamento da sua posição dentro dos quadros contemporâneos. E sem pretender um mergulho em profundidade no aspecto metafísico da discutida questão da própria condição humana, sem tombar no velho problema da razão da presença do homem na terra, o poeta entra com a sua contribuição ao drama da angústia universal, e, numa confissão de alma aberta, faz a sincera afirmativa:

*Eu sou o homem que esconde,  
dentro do coração,  
a angústia de todos os homens.*

Certo é que Filgueiras Lima não deixou de acudir com a presença de sua solidariedade, do seu verso, nos grandes momentos de dor da humanidade, nas desgraças de que foi testemunha e tão sofridamente participante: levantou sua voz pela França, pela Polônia, pela Grécia, pelos moços heróis da RAF,

por Londres, a invencível, pela América de Lincoln e de Whitman, pelas crianças órfãs de Stalingrado, pelas mulheres sem marido de Lídice, pelas virgens sem amor de Singapura, pelos homens sem liberdade, nos campos de concentração.

Escrevendo uma “Louvação a Portugal” a Portugal louvou de forma diferente, com ternura de neto, derramada nesta tristeza atávica que se cultiva com algum prazer íntimo, e carregou para o poema um tom de fado que jorra do verso como notas de guitarra, como num saudoso, sonoro cantar de água da fonte, com a clareza, a limpidez, a pureza dágua que corre natural e fluente, como o próprio sentimento que, vibrando dentro do peito, dita um doce cantar d’amigo, tão perto da modinha, tão próximo do fado, neste tom luso-brasileiro, que corresponde ao tom da saudade. O tom, a cor, o verso, a frase musical, o som de guitarra que convém à louvação gentil para o antepassado lusitano.

E porque não negligenciou nenhum dos grandes temas universais, o amor não poderia deixar de estar inscrito — e lá está realmente, e o poeta o tratou com delicado zelo, desde a juventude, nos versos que para ele são “pássaros de luz, pedaços de Deus”.

Há toda uma gama de emoção nos poemas de amor desse “descuidado e ingênuo sementeiro de Beleza” (é uma auto-definição do poeta), que fala com imensa ternura à Bem-Amada. Num extravasamento lírico, são alguns cheios de renúncia, de nostalgia, de solidão, de humildade, outros são plenos de exaltação, de alegria, de carinho, de segredo, de mistério e de sonho. Há versos coloridos de sol poente, vêm outros pintados de auroras, versos plenos de beijos (foi conhecido, durante algum tempo, como o poeta dos beijos), de música, versos, em que o poeta vê subitamente transformado o seu “parque de tristeza num canteiro sonoro de esperanças”, versos de graciosas oferendas, de margaridas, de lírios e verbenas e rosas, rosas rubras, “rosas de toda cor se vão abrindo”. E há estrelas e cartas de amor.

São alguns repletos de uma saudade, que ele diz “imensa e dolorida”, e há “canção ao sol e à vida”, versos feitos em

“tarde de evocação e de ânsia”, versos para “A que ficou de vir”, versos para “A que não vem”, versos de “silêncio que cai misteriosamente, da tarde feita de sombra”. Há poemas de transfiguração, há cantigas, e estórias tristes, alegres estórias. Há versos que são como pavanais, compostas para um amor morto, outros que são como estudos musicais, outros contam momentos de paz bucólica, alguns lembram minuetos, outros pastorais, sem falar naquela “Balada do Amor e do Sonho”, escrita num ameno tom coloquial.

Sente-se em todos estes versos de amor um acento de sincero cantar, em que o sortilégio do mistério poético-freqüentemente cresce aos nossos olhos, iluminado pelas sugestões de pinturas parnasianas, que são como aquarelas, com o mesmo poder evocativo que hão de ter sempre os guaches, com a mesma riqueza de tintas, o mesmo esbatido de nuances, a mesma suavidade.

E vem tudo numa clara, autêntica linguagem, sem hermetismo que comprometesse a forma ou o conteúdo, vem tudo numa linguagem que permite inteligência fácil, interpretação lógica, vem na linguagem adequada de quem conseguiu o domínio vocabular, a utilização exata dos jogos verbais, o justo emprego de recursos virtuosísticos que entram no processo de composição literária, denunciando fiel captação do fenômeno poético. Vem sobretudo no melhor espírito romântico, pois romântico ele nunca deixou de ser, apesar das suas experiências neomodernistas.

Foi assim que o poeta Artur Eduardo Benevides, outro nobre membro desta Academia, situou Filgueiras Lima, nos quadros literários brasileiros:

“Em toda a sua obra, revela-se o poeta, além disso, um romântico. Não no sentido histórico ou de filiação literária. Mas no comportamento interior, na mensagem mesma. Foi modernista depois de exercícios neoparnasianos, mas nunca se subordinou inteiramente à nova estética. Seguiu-a até a segunda geração modernista, que foi a mais alta de todas, dando-nos valores de irrecusável grandeza. Daí em diante, não aceitou a renovação de temas e linguagem que se processou.

Foi um moderno contido. Não se entregou nunca a experiências formais. Permaneceu dentro de uma forma calma e tranqüila, com versos musicais e às vezes elegantes, fixando-se numa atitude transicional que não superou. Mas foi, em tudo, essencialmente romântico, na maneira de sentir, de ver e de transfigurar, no poema, a própria vida.”

Outra linha de força na temática de Filgueiras Lima é a sua profunda fé religiosa, seu sentimento de Deus, sua confiança, sua autenticidade, sua esperança, sua confissão diante do senhor, seu pedido, sua entrega, porque Deus não é para o poeta uma indagação, nem uma incerta busca, não é uma vaga crença neutra, difusa: Deus é uma afirmação, é a certeza absoluta, é o apoio, o porto, o refúgio, é a grande resposta, Deus é a verdade, com todo o prestígio da divindade, com a graça, a pureza, a beleza do mistério, a grandeza da onipotência. Num poema curto o poeta resume com bastante força e grande acento lírico a sua profissão de fé religiosa e, dando destaque ao tema, imprime força à sua palavra, à sua voz na declaração categórica do seu princípio de fé, à sua mensagem ao mesmo tempo cerebral e emotiva, do pensamento e do coração.

*Quis escrever um verso  
que enchesse a terra, o céu e o mar  
que enchesse o espaço e o tempo, a vida e a morte...  
E da pena só me saiu um nome:  
Deus.*

É a Deus que confia seu pedido pela humanidade, é a Deus que fala da grande angústia universal do homem, é a Deus que se queixa da perda dos bons sentimentos que antes se agasalhavam no coração das gentes, repentinamente transformadas por todas as maldades; é a Deus que vem falar dos homens se estraçalhando nas guerras, numa negação de todos os evangelhos, desobedecendo a todas as pregações de todas

as igrejas e os mandamentos de todos os cultos. É a Deus que expõe a terrível, lamentável queda:

*Senhor!*  
*que angústia me causa a maldade dos homens*  
*dos homens que estão fazendo inveja às feras*  
*aos lobos, às hienas, às panteras,*  
*pelo ódio, pela sede de sangue que os dominam,*  
*pelos instintos bárbaros que revelam,*  
*matando-se, comendo-se, devorando-se uns aos*  
*[ outros,*  
*como se não tivessem dentro da alma*  
*um pouco de Ti, da tua luz eterna, Senhor!*

É a Deus que confia as reivindicações dos trabalhadores, num poema de profundo sentido social e humano, o "Poema das Massas" em que reflete o drama dos operários desempregados, dos que carecem de oxigênio na profundidade e no escuro das minas de carvão, transmite o protesto dos revoltados, de todos os desgraçados que suspiram por paz e por amor, o grito de todos os infelizes, dos que estão sem casa, e sem pão, a voz em desespero dos que amargam a sua revolta, dos que estão trabalhados pelo ódio, dos que estão alucinados pela cólera. Os versos finais que aqui vão citados dão bem uma idéia do seu forte tom de protesto:

*Senhor! os homens bradam, gritam, apostrofam!*  
*Eu ouço o clamor uníssono das massas.*  
*Elas querem uma palavra de justiça e compreensão,*  
*uma palavra definitiva e universal.*  
*Só tu poderás atender à voz angustiada e trágica*  
*[ dos homens!*  
*Porque tu és a palavra que cria e que constrói*  
*além do espaço e do tempo*  
*dentro da Eternidade: "Amai-vos uns aos outros..."*  
*Senhor!*  
*és a resposta que os homens buscam fora de Ti*  
*— e que não está senão em Ti!*

Num outro poema de acentuado contexto religioso, de inegável força lírica, que o poeta compôs certamente num momento de meditação mística, numa hora de despojamento total, de recolhimento, de diálogo com Deus, Filgueiras compõe sua própria oração, que é um pedido de pureza, um poema desambicioso, pleno de humildade, vazado em notas de extrema singeleza, cheio de corajosa renúncia, um poema que tem a graça, a simplicidade, a sóbria discricção duma oferenda, com a ternura e a sinceridade duma prece de criança, e que ao mesmo tempo revela um coração amadurecido, sofrido pelos anos andados, pelo conhecimento do homem e do mundo:

*Senhor!*

*Afastai-me o desejo*

*de querer encher o minuto que passa  
com os meus egoismos, ambições e ânsias.*

*E a preocupação de ser prático, dinâmico, eficiente.*

*No meio das coisas perciveis*

*dai-me coragem*

*de libertar-me dos meus interesses cotidianos.*

*Livrai-me das minhas necessidades, Senhor!*

*Não quero ser mais nada.*

*Não serei mais nada.*

*Quero ser no Ser.*

Se é certo que o poeta manifestou preocupação pelos que padecem, sintonizou com a angústia metafísica dos homens, torturou-se com a falta de solidariedade dos seus irmãos. é bem certo também que na última fase da sua poesia, nos dois últimos livros, exprime a sua inquietação pelas injustiças e pela desgraça alheia, de forma mais freqüente e mais incisiva, numa preocupação que se acentua desde aquele "Hino de Liberdade" que está em *Terra da Luz*, em que se adivinha, depois da perspectiva sombria da seca, a chegada triunfante do inverno. Filgueiras Lima solta, como num brado de ines-

perada vitória, um verso inicial que é uma saudação ao caboclo do campo:

*Chegou a tua hora de redenção*

e continua o poema num compasso de hino comemorativo da liberdade trazida pela chuva:

*Teu braço não vai mais bater o solo  
no trabalho pesado das rodovias.  
Teu pão não virá mais na ganância alheia,  
mirrado e triste como um fruto podre.  
Teus filhos não dormirão mais ao relento,  
tatuados de bexiga,  
comidos de úlceras  
castigados de maleitas!*

*Tua mulher  
não irá mais viver na casa dos outros  
como um traste qualquer.  
Tu não terás mais ponto nem feitor  
nem as imposições do coronel,  
nem as ordens do doutor...*

E, em outro, sob o título "Rataplã", conta a tragédia dos que partem por caminhos desconhecidos, intermináveis, para um destino incerto, narra o drama do homem expulso da terra pela terra, que, sem a chuva, se recusa de responder ao apelo feito em forma de semente.

E mostra o infortúnio dos que são castigados pela seca, portando na carne, no pensamento e no coração o estigma terrível, e em poucos versos, apenas, integra o leitor no clima queimante da estranha estação de longo, cansativo, medonho verão, arma o cenário da natureza, levanta, num expressivo *croquis*, a paisagem humana:

*O sol, de chapa,  
fere o rosto dos retirantes.  
A estrada vai ficando  
para trás.  
Já está distante,  
tão distante!  
E, para frente, não tem fim!  
Sempre adiante!*

No poema "Lagamar", marcado pela cor local dos bairros pobres de Fortaleza, retrata a vida da gente miserável, entregue à sua própria sorte, homens, mulheres e meninos, para quem cada novo dia representa uma conquista nova na luta pela sobrevivência. . .

*Homens pescam siris nas águas turvas.  
Na água suja  
mulheres tristes, lavando roupa, cantam.  
Meninos pálidos e alegres  
banham-se aos pinotes, na água escura.  
Porcos e jumentos bebem, juntos,  
da água imunda  
empoçada no mangue.  
E todos confraternizam  
na podridão do pântano  
indefectível e trágico  
como um escarro de sangue. . .*

Mas o motivo central para Filgueiras Lima, a tônica a que o poeta retorna com regalo dalma, num tom maior de jogral apaixonado, é o Ceará, é o seu Nordeste natal. Porque nunca se cansou diante das cores que o cercaram e que o deslumbraram sempre, eternamente fascinado pela violência desta luz, por este azul múltiplo, por este céu e este sol. Seu verso se derrama festivo ou lamentoso, canta e chora com sua gente, com sua terra e lhes acompanha as belezas e incoerências.



seu sofrimento, seus amores, sertão agreste, verdes campos, trágicos tempos, segue as glórias e as tristuras. São as brasileiras, poemas do chão, poemas da raça, poemas do Norte, poemas da pátria, porque Filgueiras foi um exaltado patriota que deixou desbordar do seu talento o grito de louvor, o cantar de adoração, a alegria musical das vitórias, o pranto da hora amarga.

Desfilam nos seus escritos os guerreiros do Brasil, aqueles que estão imortalizados nas estátuas, no bronze, no mármore e os outros anônimos, que molharam a terra com seu sangue, os que a regaram com seu suor, os que construíram com seu amor, os que argamassaram nossos alicerces econômicos, os que lutaram, perdidos, ignorados, pela grandeza da nação, os que tombaram em sua defesa, os que fizeram a abolição da escravatura, e conquistaram para o Ceará o cognome de Terra da Luz, que ele utilizou como título de um dos seus livros.

Aí passa a deliciosa banda de música dos seus tempos de menino vagabundo, aquela pitoresca, original banda de música que o leitor identifica com as do seu patrimônio afetivo, com aquelas que acompanhou na infância. Faz-se, com o poeta, um regresso aos dobrados, no patamar da igreja, nas procissões, nas festas, nos cortejos de comemorações cívicas, volta-se à banda de música que o poeta continua a ouvir através da sua saudade.

Corre nos seus versos, como ele próprio diz, o

*...poema do Amor do Brasil!  
Do amor romântico e do lente de Marília...  
Do amor espiritual de Carolina.  
Do amor da que morreu de amor.  
Do amor de onça bravia de Moema!*

*E do amor puro, abnegado e triste  
que o estrangeiro sorveu, como um favo de mel,  
nos olhos e nos lábios de Iracema!...*

Nos seus versos brilha o sol do Nordeste, que ele identifica forte e claro, assim “Como a nossa alma de bronze e de cristal”.

Está aí, nos seus versos, principalmente, o sertão em flor, num esbanjamento de verde-jovem, está o sertão amortalhado de cinza, estão as secas, está o caboclo, que deita raízes da alma no seu solo e de repente se faz nômade, tocado pela natureza subitamente hostil. Aí estão nossos poetas, estão a enchentes, os canoeiros, os emigrantes; estão vaqueiros do Piauí, garimpeiros das Minas Gerais, violeiros do Ceará, gaúchos dos pampas intermináveis, está nossa devoção, nossa reza, estão nossos santos particulares, Santa Bárbara, São Jerônimo, está o Senhor São Francisco de Canindé. Aí está, num poema inegavelmente belo, a louvação à língua nacional,

*doce, na ternura, como um rolete de cana,  
forte, no insulto, como um trago de aguardente.*

E há vozes de sinos nossos conhecidos. E águas claras e profundas da lagoa de Iguatu, águas fecundantes do rio Jaguaribe, águas cantantes de Orós, águas doces do seu rio Salgado, que o fazem voltar à infância:

*O menino sentiu  
saudade do rio  
seu rio tão doce  
— Salgado de nome  
correndo entre moitas  
de verde mofumbo  
curvas ingazeiras  
árvores sombrias  
correndo, correndo...*

Nos seus livros está principalmente o Brasil e, dentro dele, o poeta em constante vigília, e, diante dele, o poeta em permanente contemplação, fundindo vínculos, quebrando silêncios na dinâmica de seu verso romântico e patriótico e se

afirmando numa comunhão de amor, integrado na paisagem, fazendo toda uma colheita de floração lírica que traz a alegria de glórias alcançadas e reflete a harmonia do binômio terra-e-homem.

Impossível separar o poeta do educador. Os dois aspectos da mesma personalidade se encontravam na sala de aula, se uniam, se completavam e se realizavam plenamente. Então o poeta coloria as aulas do professor, já de si tão ricas, e a iluminura da palavra, a riqueza verbal, a graça da imaginação se juntavam para ainda mais valorizar o estudo, sem prejuízo do contexto sempre tão judicioso.

O professor, em Filgueiras, estava tão perto do pai e do poeta, que a sua figura se agigantava diante do educando, respeitando-lhe, entretanto, a personalidade em formação e conseguia o difícil trabalho de aconselhar e de convencer sem molestar, sem provocar reação, sem suscitar protestos, tão comuns na adolescência e na juventude. Corrigia sem esmagar e repreendia sem o perigo fácil da humilhação, porque entendia, porque justificava, porque perdoava, com brandura, mas sem vacilação, com a sensibilidade que o conduzia, como um radar, aos estranhos e sinuosos caminhos da alma humana.

Pelo que semeou de beleza, de poesia e de bondade, pela pureza que ensinou, pelo bem que fez, pelos sonhos que cultivou e distribuiu, pela esperança que plantou, pelo otimismo, pela fidelidade ao ideal a que serviu com equilíbrio e com amor, Filgueiras Lima se impôs à admiração da juventude que o ouvia, acatava e festejava.

E lembrado será sempre, certamente, pelas gerações que se sucederam na sua casa de ensino, onde, realizando esta esplêndida, rara, amálgama de poeta e professor, cumpriu seu apostolado, atendendo a uma imposição vocacional, orientando com devotamento e com zelo infalíveis. Louvado será sempre com as graças desta mesma juventude a quem apontou caminhos, das moças que ensinou a ensinar, dos rapazes a quem falou com carinho paterno.

A vigorosa, iluminada personalidade do professor Filgueiras Lima, a incansável fidalguia de trato, a inteireza de caráter, a polidez nunca negada, a nobreza de gestos, a coerência de atitude o impunham, naturalmente, como modelo, aos olhos dos alunos em cuja lembrança, vai ficar, nos guardados da memória e do coração, assim de pé, como lição viva, quente real, a lição que não se apaga, aquela que não se esquece, a que permanecerá sempre atual e autêntica e há de ser repetida, citada, há de ficar como exemplo, por agora e pelos tempos que vão vir.

Voltando ao poeta: Foi sobretudo na sua fase última, ou, mais especificamente, na segunda parte do seu derradeiro livro, *O Mágico e o Tempo*, que o tema da morte começou a preocupá-lo. No livro anterior, *Ritmo Essencial*, faz a sua primeira alusão naquele poema escrito em linguagem de humildade inequívoca, que tem assim um sabor de oração pessoal:

*Se a Morte permitir que eu alcance a velhice,  
um dia, muito longe deste dia,  
num jardim quieto,  
estarei sereno, talvez risonho  
coroadado de cabelos brancos  
que são as espumas das marés humanas  
vendo a vida cirandar em torno de mim.*

Já a “Balada do Cinquentão”, também da última fase, tem um sentido de balanço, como se, parando para rever o caminho andado, contasse o poeta as suas fadigas, suas lembranças, sua saudade, seu desencanto, fazendo a evocação dos alegres dias da infância e aludindo à sua juventude

*embalado na esperança  
de um bem que nunca se alcança  
de um futuro... que não vi.*

E conclui sem recriminação, sem azedume, como quem aceita o irreversível:

*Tudo um sonho evanescente.  
Hoje só tenho passado  
Hoje, só tenho presente  
Mais passado que presente,*

*Futuro não tenho mais.*

Este final melancólico é confirmado no seu sentido profético por dois outros poemas, de indiscutível significação. Num deles, Filgueiras Lima escreve o seu "Testamento", que é, sem dúvida, dos mais belos que poderia deixar como poeta:

*Legarei aos pássaros,  
que foram meus professores de poética,  
às flores,  
que me deram lições de renúncia e doação,  
à água,  
que me ensinou a ser simples, sendo sonora,  
ao sol, ao mar, ao vento, à montanha e às estrelas  
onde busquei inspiração e ritmo,  
tudo que há em mim, como seu reflexo,  
devolvendo a poesia que me deram  
em luz  
em cor  
em música  
em perfume.*

*Se sorvi da natureza,  
hei de deixá-la em tudo que me envolve,  
para que minha lembrança permaneça  
no poema que não foi escrito  
mas ficou  
vibrando  
no tempo.*

Depois, a confirmação maior, mais forte e definitiva, a derradeira confirmação, seu "Soneto Póstumo", uma impressionante, comovente mensagem, humilde e grandiosa, a mensagem de despedida, que é, ao mesmo tempo, um antecipado epitáfio, o mais belo e lírico com que poderia encerrar sua carreira literária:

### SONETO PÓSTUMO

*Se o coração parasse de repente,  
marcando o fim desta existência inglória,  
apenas uma sombra merencória  
recordará um poeta de alma ardente.*

*Uma sombra sem cor, sombra somente . . .  
Eis tudo a registrar daquela história,  
que não teve esplendor nem teve glória:  
foi a história comum de toda a gente.*

*E os homens cada vez mais apressados  
ouvidos não tiveram, deslumbrados,  
para o verso final do pobre Orfeu.*

*Só as estrelas, que ele amara tanto,  
entoaram pelo céu um alto canto  
em louvor do poeta que morreu.*

E o coração do poeta parou de repente e o condicional dos seus versos se fez realidade irrecorrível, e aqueles todos que o admiraram, os que o amaram, os que o ouviram, os que com ele aprenderam, os que com ele ensinaram, irmanados no desalento, o prantearam, e, numa tarde azul de setembro, lhe levaram rosas e lágrimas e poemas e preces e lhe deram seu testemunho de saudade e de amor agradecido.